



CORTINA DE MEMÓRIA: ENXERGANDO UMA OUTRA CIDADE

Onice Sansonowicz,
Ilisabet Pradi Krames,
Gabriel Carneiro,
Gabriel Pinheiro Machado,
Juliana Gheller Potrich

EIXO TEMÁTICO: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio.

PALAVRAS -CHAVE: CIDADE; FOTOGRAFIA; HISTÓRIA; MEMÓRIA

INTRODUÇÃO

Esta comunicação relata uma experiência pedagógica desenvolvida pelo subprojeto PIBID Interdisciplinar, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, nas aulas de História, na Escola de Ensino Médio Prof. Henrique da Silva Fontes, em Itajaí – SC, no ano de 2016. A experiência mostra a possibilidade de trabalho com temáticas como cidades, memórias e História a partir de fotografias. Tal atividade teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento de novas práticas para o ensino, bem como estimular a participação dos alunos e alunas da Educação Básica para melhor conhecerem a história da cidade. A partir de visitas ao acervo do Arquivo Histórico do município, os bolsistas tiveram acesso a centenas de registros desde o início do século XX. Além disso foram realizadas atividades com alunos e alunas do Ensino Médio, que além de produzir material, participaram de discussões acerca da construção da cidade a partir das memórias. As fotografias foram veículo de condução do processo, desde a sensibilização para o tema até o produto final. A apresentação do produto final foi intitulada “Cortinas de Memórias”, nele as fotografias foram transferidas para o tecido e posteriormente transformadas em cortinas para a sala de aula.



OBJETIVO

- Compreender a cidade enquanto construção histórica em constante transformação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao retratar as “cidades”, resgatamos as memórias que estão confinadas em cada espaço no qual se reproduzem as práticas sociais. Pollak (1989) discursa sobre a memória coletiva que reporta a um sentimento de pertencimento a partir de ligações comuns entre pequenos grupos, como sindicatos, igrejas, famílias ou grandes grupos, como a nação e o seu respectivo idioma. Servindo como reforçadores, estas combinações formam uma memória comum, na qual, o autor diz que é fornecido um quadro de referências e pontos de referência, formando assim, uma memória enquadrada, muito utilizada pela história oficial na construção de grandes símbolos e nomes.

A historiografia ao reportar a memória traz com Le Goff (1990) o poder de autonomia do historiador quando este seleciona as fontes que irão compor seu trabalho, sejam elas escritas, orais, oficiais, imagéticas. Fato que ocorre também na observação de determinados documentos em detrimento de outros a partir do olhar particular que o pesquisador lança sobre o objeto. Além disso, a percepção que este tem dos monumentos realça outro aspecto da memória escrita pelo autor, vistos como arquitetônicos, funerários, esculturais e que desde a antiguidade romana corroboram para um direcionamento específico em sua linha de investigação. Desta forma, todos estes processos analisados pelo historiador auxiliam na percepção das cidades a partir do aprofundamento destes pela memória coletiva.

Nora (1993) escreve que se as ruas apresentam uma outra cidade, o que dizer desses lugares de memória. Nesta perspectiva a autora reflete:

Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta,



veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. (...) os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, pp. 12- 13).

Desta forma, esses lugares se fazem necessários porque enquanto sociedade precisamos organizar a memória, mais do que isso, encerrá-la sob pena de perdê-la, visto que a utilizamos cada vez menos.

METODOLOGIA

A proposta aqui apresentada se desenvolveu nas aulas de História e contou com a participação de bolsistas do PIBID e 60 alunos (as) da escola com idades entre 16 e 18 anos. A temática contempla o conteúdo programático da referida disciplina nos primeiros anos do Ensino Médio. Desta forma, foi estabelecida como roteiro a caminhada pela rua principal da cidade. A ideia central foi provocar o “estranhamento” e um olhar sensível e atento aos detalhes despercebidos em nossa agitada rotina. Diferente daquele olhar que se tem habitualmente, buscou-se evidenciar uma outra arquitetura, um outro movimento, outros sons, enfim, um outro lugar. E nesta perspectiva, uma nova cidade se apresentou.

Esta cidade singular se revelou em detalhes por meio de características peculiares que norteiam o seu cotidiano, identificadas nas circunstâncias em que se constroem no espaço urbano. Assim, foram percebidas, por exemplo, no artesanato produzido e comercializado no mercado público e nas ruas do centro da cidade, e igualmente com a chegada de imigrantes haitianos que buscam em Itajaí oportunidades de trabalho e de qualidade de vida. Também se observou a presença de bolivianos que demonstram sua cultura em forma de música ao tocarem seus instrumentos, em suas vestimentas, em seu vocabulário e até mesmo nas videntes que se oferecem para ler as mãos dos que por ali circulam.

Como em uma viagem no tempo através da história da arte externada nas construções arquitetônicas de Itajaí, hoje transmutadas com as novas edificações, constatou-se um cenário histórico manifestado na arquitetura da cidade e que nos



transporta a períodos como a república, a influência burguesa e as proposições artísticas que perpassam do romantismo ao neoclassicismo.

Um olhar atento por Itajaí permite perceber locais característicos como o mercado público. O prédio eclético, construído em 1917, para funções mercantes, nas quais são comercializados principalmente produtos de pesca, apresenta a influência andaluza em sua fonte central numa arquitetura que lembra o estilo europeu. Por ali transitam diariamente muitas pessoas que mesmo desconhecendo os conceitos artísticos do espaço apreciam o ambiente que também se constituiu como um local de encontros, manifestando-se culturalmente sobre aspectos culinários, musicais e estéticos.

Destaque-se também a visita realizada ao arquivo histórico da cidade quando foram selecionadas as fotos utilizadas posteriormente para o trabalho com os alunos, e a confecção da “cortina de memórias”.

ANÁLISE DE DADOS

Foram selecionadas 84 fotos que posteriormente se transformaram na “Cortina de Memórias”, essa, para além do objeto, é metáfora, porque encerra e também se abre, escancarando a possibilidade de um olhar através desta cidade que aí está posta. A cidade não é só o que se enxerga, mas também espaço das relações, das sociabilidades, resistências e conflitos. Nesta perspectiva a fotografia foi ponto de partida. Elas foram selecionadas de modo a mostrar o diverso, o plural, compondo um mosaico: o antigo aeroporto, a linha de ferro, a arquitetura que não existe mais, a rua principal, os carros de mola, os diferentes bairros e classes sociais, as diferentes etnias, enfim uma outra cidade.

Após a seleção os alunos(as) manusearam as imagens e buscaram sonorizar essa cidade. Por meio de instrumentos diversos buscaram reproduzir os sons que possivelmente poderiam ser escutados de acordo com o que estivesse aparecendo na imagem. Ao passo que faziam o som do cavalo, remontavam uma cidade na qual o leite e a verdura eram levados de casa em casa, onde o mercado relacionava-se apenas as compras em grande quantidade e pouca variedade, e a alimentação consistia em peixe, pirão e farinha. Imaginar uma cidade onde as pessoas se locomoviam por intermédio de



charretes, e que contava com uma linha de trem, não era do conhecimento de muitos. Aos poucos fomos conhecendo uma outra história e uma nova cidade surgiu.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Não há dúvidas que os vestígios guardados são seletivos e intencionais. É aqui que a presença do pesquisador é realçada com o intuito de conferir sentido e significado inclusive às ausências. Assim, percebe-se que existiu a construção de uma identidade da cidade excluindo determinados atores, havendo assim, dificuldades em encontrar fotografias das áreas rurais, indígenas, afro-brasileiros e diferentes religiões. Se por um lado observa-se essas ausências, por outro persiste a profusão de registros de monumentos e documentos históricos que remetem a nomes influentes do cenário político e da forte presença do cristianismo e da ideia de uma localidade portuária.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão. Editora da UNICAMP, São Paulo, 1990.

Disponível em <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>

Acesso em 28.06.2016

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>

Acesso em 18.06.2016

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.3, p.3-15, 1989.

Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>

Acesso em 28.06.2016